

Prefácio

Da nossa diáspora

Segundo a lei geral dos prefácios, este não tem qualquer razão especial de existir e, tal como a mesma indica, nada de novo acrescentará ao livro (em vernáculo escorreito, prefácio é verbo de encher), sobretudo porque a introdução elaborada pelos seus organizadores é mais do que suficientemente informativa e lúcida q. b. Todavia, os mesmos organizadores quiseram que os meus comentários de *referee* anónimo do volume ficassem de algum modo nele registados. Eis a razão da sem-razão deste prefácio.

Na verdade, para quem vive há décadas na diáspora e nota com pena o incrível descuido ou desinteresse que Portugal exhibe pelas suas comunidades no estrangeiro, é motivo de júbilo deparar com um livro destes. Os textos desta colectânea parecem-me escritos por profissionais conhecedores das realidades da nossa diáspora; além disso não descambam nem para o meramente quantitativo, nem para o meramente histórico ou mesmo sociológico, produzindo um conjunto híbrido conseguidamente coerente que agarra o leitor e o convida a deambular pelos meandros da assimilação, da sobrevivência cultural, da integração e do associativismo. Obviamente, conheço melhor a realidade descrita no ensaio de João Leal – sobre as comunidades açorianas da Nova Inglaterra – e noto com pesar a falta de estudos da Suíça (pelo menos essa, na Europa), Venezuela e Austrália, por serem os países onde há comunidades maiores, representativas e singulares. No caso da Venezuela, a sua presença permitiria captar também a dimensão madeirense, apenas indirectamente presente no capítulo sobre a África do Sul. Mas a

Venezuela e a Austrália seriam um complemento adicional importante e não repetitivo, dado tratar-se de comunidades em países muito distintos dos neste volume estudados. Da lista de ausências consta ainda o Canadá que, tendo muito em comum com a comunidade luso-americana, conta em Toronto com uma significativa presença de emigrantes de Portugal continental marcando a sua diferença. O meu voto foi, todavia, incondicional e efusivamente congratulatório para a editora por se decidir pela edição deste volume, mesmo não sendo possível a inclusão dos capítulos adicionais acima sugeridos.

Há quase quarenta anos mergulhado naquilo que em tempos chamei de L(USA)lândia – uma ilha portuguesa rodeada de América por todos os lados – membro de uma família de emigrantes açorianos, sou particularmente sensível aos problemas das comunidades da diáspora, que por sinal sempre me ensinaram imenso. Já confessei noutro lado que, a par de uma formação académica em Filosofia das Ciências Sociais, a minha outra grande universidade foi viver a meias com a comunidade luso-americana. Esta última permitiu-me testar todos os autores que fui estudando e me propunham interpretações ou explicações das realidades sociais: Marx, Nietzsche, Max Weber, Benjamin Whorf, Durkheim, Veblen, Mead, Geertz, a escola de Frankfurt e sei lá quem mais. O meu laboratório era o caldo das culturas que eu observava de perto nas associações, nas escolas, nas festas, nas manifestações políticas e até nos bares. O que hoje sei sobre identidade foi testado nesse terreno.

A esse propósito, há semanas convidei para assistir às celebrações do 25 de Abril num clube açoriano de Pawtucket o meu amigo João Peixoto, sociólogo especializado nas imigrações no Sul da Europa, mormente em Portugal, e este semestre professor visitante no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, em Providence, Rhode Island (EUA). Assistiu a uma celebração bem luso-americana, até no pormenor de ser iniciada com os hinos nacionais cantados em português e inglês por uma jovem luso-americana (que para nós significa «de primeira geração», isto é, nascida já nos EUA), numa voz magnífica e com uma pronúncia impecável tanto do português como do inglês. Em tudo o mais, as marcas portuguesas e americanas na festa eram notórias. Uma comunidade ainda muito lusa mas que tinha assimilado as estruturas do associativismo e da organização estadunidense.

Em posterior troca de *e-mails*, João Peixoto partilhou comigo um outro por ele enviado a uma amiga em Lisboa:

Cheguei agora do 25 de Abril. Foi um grande jantar, uma festa muito luso-americana. Americana no estilo (discursos, prémios, encenação), lusa na desorganização (tempos errados, discursos excessivos). Estes eventos da emigração são curiosos. E os participantes (umas centenas!) eram todos muito abrilistas (havia muitos cravos vermelhos). A esta distância de PT, as divisões políticas ficam mitigadas.¹

E acrescentava depois para mim:

O que é surpreendente é como as identidades se agarram a nós (ou como nós nos agarramos a elas). Nada obriga aquelas centenas de pessoas que estavam ontem no jantar a celebrar Portugal e o 25 de Abril. Quem está em Portugal celebra muito menos as identidades desta forma (por exemplo, há muito que não ouvia cantar o nosso hino). Mas a ligação entre os portugueses da diáspora mantém-se, atravessa classes sociais e gerações. E isso dá que pensar.²

Em pessoa, conversámos depois muito sobre tudo isto. Eu insisti na tecla da minha satisfação por ele ter aceitado o meu convite e por ter reagido favoravelmente à experiência, pois sempre me incomodara presenciar o desconhecimento português das suas comunidades emigrantes. João Peixoto discordou e apresentou-me dados: Portugal era considerado um dos países que mais cultivavam a sua diáspora. Retorqui: o Governo, certamente, por reconhecer a importância das remessas que lhe equilibram o orçamento. E acrescentei: a comunidade académica nunca me pareceu muito sensibilizada. O público leitor também não. Portugal é um país ensimesmado, eternamente obcecado com a sua auto-imagem e com a imagem que dele fazem os países em relação aos quais arrasta um atávico complexo de inferioridade. Para os países considerados seus inferiores, mal olha. E, mesmo quando se fixa nos países à sua frente na tabela da modernização, não são as comunidades de emigrantes que lá vivem o foco das suas atenções. A verdade é que, se este livro vem colmatar uma brecha, falece-me a razão para estar aqui a castigar o país pelo alheamento até aqui manifestado.

¹ *E-mail* de 27 de Abril de 2009.

² *Ibidem*.

Mas a sua existência acentua as razões do meu folgar com a sua publicação.

Não é este o lugar indicado para entabular diálogo com os autores dos textos aqui inseridos. Por isso, apenas glosarei dois pontos. Um, sobre o famigerado essencialismo. Há, entre os cientistas sociais, um exagerado pavor de aludir a características culturais. Assustam-se logo que sobre eles possa desabar a acusação de essencialismo. E, no entanto, em conversas particulares, escorregam frequentemente nos mais depravados dos essencialismos. A verdade é que estes ensaios falam de comunidades que, ao final de contas, têm em comum várias marcas culturais que no estrangeiro ajudam a identificar essas mesmas comunidades como portuguesas. Se ninguém sabe descrevê-las especificamente, na prática sentem-nas. Tal como acontecia ao filósofo Thomas Reid quando dizia que se lhe perguntassem o que era a identidade não sabia defini-la, mas não corria o perigo de confundir esse conceito com qualquer outro.³

Uma vez, falando num congresso luso-canadiano em Toronto, li os resultados de um estudo sociológico publicado por um grande jornal, que indiquei ser o canadiano *Globe and Mail*. Interroguei o público sobre se o retrato lhe parecia justo ou ao menos adequado. Se se revia nele. A resposta foi decididamente afirmativa. Só então revelei que eu retirara aqueles dados do jornal parisiense *Le Monde* e se referiam às comunidades portuguesas de França. Aposto que obteria reacções semelhantes se fizesse idêntico teste na Alemanha ou na Austrália.⁴

Não reside aqui nenhum essencialismo; trata-se de marcas que durante oitocentos anos foram sendo acumuladas num canto da Europa virado para o Atlântico, com muitos séculos de costas para ela. Nada há de indelével nessas manifestações culturais. Só que são os filhos, e depois ainda mais os netos dos emigrantes, quem delas se esquiva ao crescerem, e se deixarem assimilar nos países de adopção, enquanto os pais – para bem ou para mal – as continuam geralmente exibindo.

O outro ponto tem a ver com «diáspora». Um intelectual português que muito respeito costuma reagir ao deparar com o

³ Thomas Reid, *Essays on the Intellectual Power of Man*, de 1785.

⁴ Esse texto foi depois publicado: «Value conflicts and cultural adjustments in North America». In Carlos Teixeira e Victor P. Da Rosa, *The Portuguese in Canada* (Toronto: Toronto University Press, 2000), 112-124. Edição revista, 2.^a ed., 2008, 255-268.

termo «diáspora» por considerá-lo associado a um grupo específico – o judeu. No entanto, já São Paulo falava em «cristãos da diáspora» e, se durante muito tempo foram os judeus que conservaram o termo, o seu uso hoje generalizou-se sendo moeda corrente em sociologia. Com efeito, uma consulta quase ao acaso na literatura sociológica, antropológica e não só, sobre emigração, identidade e temáticas afins, fornecer-nos-á facilmente uma gama variada de usos que confirmarão com alguma clareza esta asserção. Um exemplo poderá ser o ensaio «Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return», de William Safran, em que o autor aborda explicitamente a questão da diferença entre o antigo significado do termo («o exílio dos judeus da sua pátria histórica e a sua dispersão por muitas terras, significando também a opressão e a degradação moral implicada nessa dispersão») e o uso actual:

Hoje, «diáspora» e, mais especificamente, «comunidades da diáspora» parecem cada vez mais ser usados como designações metafóricas para várias categorias de pessoas – expatriados, expulsos, refugiados políticos, residentes estrangeiros, imigrantes, bem como minorias étnicas e raciais *tout court*.⁵

É tempo de deixar o leitor avançar para os próprios textos, mas não queria deixá-lo sem me repetir, congratulando-me uma vez mais com os autores destes ensaios e os coordenadores que se abalçaram a captá-los e a motivá-los neste empreendimento colectivo. Idem com a editora do ICS, por ter decidido abrir as portas para esse espaço maior do mundo cultural português, que transcende em muito o Portugal continental e as regiões insulares, o espaço da nossa diáspora, até aqui lembrado quase apenas no 10 de Junho.

Onésimo Teotónio Almeida
 Providence, Rhode Island, 27 de Maio de 2009

⁵ In Steven Vertovec e Robin Cohen, eds., *Migration, Diasporas and Transnationalism* (Warwick: Edward Elgar Publishing Limited, 1999), 364. Na literatura acontece o mesmo relativamente ao uso do termo. Li recentemente o várias vezes premiado *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao* (2007), de Junot Diaz, urdido em torno de personagens da República Dominicana que circulam entre aquele país e os Estados Unidos, onde existe uma vasta comunidade diaspórica dominicana. O termo surge no livro com frequência.